

TRADICIONAL E PACÍFICO, CONTEMPORÂNEO E INTERDITO: O DISCURSO FRANCÊS DOS RITOS DE MORTE

*Andreia Vicente da Silva**

RESUMO

A partir de meados do século XX houve um grande crescimento das produções das ciências sociais europeias, notadamente francesas, a respeito da vivência da morte. Nestas produções há uma tendência em trabalhar o tema a partir da composição de pares de oposição entre a expressão tradicional de convivência pacífica e natural com o morrer e o modelo contemporâneo caracterizado pela interdição e pelo afastamento da morte e dos mortos. Neste artigo bibliográfico, acompanho a formação desse campo de debates na França entre os anos de 1949 a 1985 apresentando algumas das teorias e metodologias explicativas que embasam os argumentos dos autores da época. Em seguida, apresento exemplos de estudos do último quarto do século XX que evidenciam os desdobramentos do caso francês para a análise dos ritos de morte.

PALAVRAS-CHAVE: Morte; Ritual; Convivência; Desritualização; Afastamento.

ABSTRACT

From the middle of the twentieth century there was a great growth of the productions of the European social sciences, especially French ones, regarding the experience of the death. In these productions there is a tendency to work on the theme from the composition of pairs of opposition between the traditional expression of peaceful and natural coexistence with dying and the contemporary model characterized by the interdiction

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

* Professora de Antropologia do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Brasil.

E-mail: deiavicente@gmail.com

Fecha de recepción del original: 20/03/2017. Fecha de aprobación: 07/02/2018

social” a demonstração pública da dor pela morte de um parente ou amigo se tornou signo de fraqueza.

A partir dos argumentos de Gorer outros especialistas se dedicaram à análise do tema. No contexto de explicitação da tese do “afastamento da morte”, Ariès (1975) teve papel importantíssimo. Ele aprofundou ainda mais as colocações de Gorer ao estudar as transformações das atitudes dos homens diante da morte num espaço temporal que vai desde a Idade Média até a contemporaneidade. Ao tomar de empreitada um período de tempo tão grandioso, seu objetivo foi demonstrar que no curso de uma história de “longa duração” houve alguns momentos de mudança das estruturas de pensamento a partir dos quais surgiram novas formas sociais de viver o fenômeno. Entre as transformações detectadas por ele, estava aquela que opunha a vivência da morte nas sociedades urbanas laicas contemporâneas ocidentais àquela católica tradicional que existiu durante diversos períodos da Idade Média Ocidental. Baseado nestas diferenças, ele denominou a morte medieval de “morte domesticada” e a morte contemporânea de “morte interdita”, explicando que entre os dois períodos aconteceu uma inversão na forma de viver o fenômeno. Demonstrar o crescimento desse campo de discussões e explicar como se construiu teoricamente essa contraposição é o ponto central desse exercício bibliográfico.

Tanto Gorer (1965) quanto Ariès (1949; 1975) reconheceram as dificuldades encontradas pelas sociedades contemporâneas no trato com a morte. A partir da circulação dos seus livros ocorreu uma explosão de publicações que verificaram a tendência contemporânea de afastamento da morte chamando atenção para as consequências sociais e individuais desastrosas desses comportamentos. Em solo francês, outros autores como Thomas (1980), Vovelle (1983) e Chaunnu (1984) também questionaram estas mudanças. Chamo atenção do leitor para o fato de que as obras desses autores franceses são utilizadas amplamente nos estudos sobre “ritos de morte” nas Américas.

É um ponto de acordo entre muitos desses estudiosos dos “rituais de morte” a diagnose de que aconteceram recuos enormes na quantidade e na qualidade das expressões fúnebres em nossos tempos. Nesse contexto, poder-se-ia dizer que a defesa da tese da “simplificação contemporânea da morte” –da qual estamos remontando o início– já faz parte de um tipo de “senso comum” historiográfico. A partir desta constatação datada, defendo a hipótese de que a teoria social utilizada por muitos desses especialistas foi a responsável pela criação desse tipo de enunciado. Por isto, além de discutir o uso irrestrito da “teoria formal dos rituais”, começarei apontando

que nessa época havia grande dificuldade em discutir a realidade social a partir de modelos analíticos que permitissem trabalhar com terrenos de multiplicidade simbólica. Um dos primeiros reflexos desse obstáculo apareceu quando se desenvolveu aquilo que chamarei da “variável inversamente proporcional ciência e religião”. De acordo com esta interpretação, o paradigma científico como expressão dominante dos hábitos e comportamentos decorrentes de uma morte se sobrepôs, na medida em que diminuía a influência religiosa nesse terreno. Essa tendência cresceu e tomou corpo também nos estudos baseados no positivismo e no protestantismo.

Para resolver essa primeira questão, entendo ser necessário compreender que o que estava sendo visualizado não era apenas o decréscimo religioso e o aprofundamento do conhecimento científico do morrer. O estudo da configuração do sistema da morte contemporânea pressupunha, e ainda hoje exige, diversos elementos. O reconhecimento dessa complexidade teórica foi o principal entrave para esses autores. Com o objetivo de oferecer outra interpretação para este debate é preciso utilizar um arsenal teórico que assuma a realidade social a partir da convivência de múltiplos referenciais simbólicos que se expressam através de diversos mecanismos rituais. Assim, primeiramente demonstrarei como os autores estão apresentando o sistema de morte para em seguida propor outro tipo de conceito de ritual que de acordo com meu entendimento seria mais adequado para o estudo dos contextos complexos e múltiplos.

Aqui esclareço que não se trata de uma crítica aos autores franceses. Meu objetivo é mais apontar esses encaminhamentos específicos do período para gerar questionamentos no atual campo de estudos. Afinal, como já demonstrei em artigo anterior (Vicente da Silva, 2011b), é justamente a romantização de um modelo de expressividade ritual (formal, institucional) que faz com que modelos de ritualizações mais individualizados e/ou desinstitucionalizados sejam examinados a partir da perspectiva da retração ou mesmo da ausência. No caso brasileiro, no qual há predominância de pesquisas feitas a partir da análise dos sistemas religiosos este argumento pode ficar bastante claro. Aqui é evidente a ênfase no desenvolvimento de estudos em contextos em que há previsão institucional para comunicação entre os vivos e os mortos, como, por exemplo, no caso católico (Reesink, 2009), nas religiosidades de matriz africana (Cruz, 1995) ou mesmo no espiritismo (Cavalcanti, 2004). Já as expressividades religiosas nas quais não há esta ênfase ou mesmo nos contextos laicos, a vivência da morte é apresentada como evidência do afastamento e da simplificação (cf. Soares, 1990).

Daqui por diante eu apresento os elementos que sustentam a argumentação de alguns autores franceses do período selecionado. Ao mesmo tempo, a proposta é utilizar esses mesmos materiais para comprovar que é possível, a partir do mesmo campo empírico, aplicar outro modelo teórico que permita visualizar a multiplicidade de outros contextos rituais.

Para iniciar tomo como exemplo um dos escritos de Ariès. Ao longo do seu “Ensaio sobre a história da morte no Ocidente” (1977), ele apresentou os elementos que ajudaram a sedimentar a transição dos “modelos de rituais de morte”.

Ariès explicou que durante boa parte da Idade Média, a morte era vivida como uma cerimônia pública onde havia a presença de um ato religioso comandado pelo moribundo e centrado sucessivamente na figura do morto. A eficácia das explicações religiosas conferia ao momento um caráter natural onde o fim da vida era aceito serenamente como uma das etapas da existência humana. Mudanças lentas aconteceram e estas desprivilegiaram a característica coletiva dos rituais de morte. As crenças religiosas e os ritos coletivos foram substituídos pela individualização e laicização do fenômeno. Os testamentos deixaram de possuir conteúdos religiosos. Ao mesmo tempo, a morte passou a ser questionada dando origem tanto a um exagero no luto quanto ao culto moderno das tumbas. A introdução do positivismo ajudou a produzir um outro modelo para lidar com a morte marcado pela desritualização e pela diminuição da eficácia das explicações religiosas principalmente aquelas que diziam respeito à continuidade da existência da alma. O momento da morte deixou de ser vivido na casa da família para ser vivido no hospital sob a direção de uma equipe médica e técnica. Neste movimento, os antigos “ritos de morte” foram abandonados e houve uma decomposição da morte médica em pequenas etapas mecanizadas praticamente imperceptíveis que dão a impressão de que ela não aconteceu. Num processo de longa duração, a morte se tornou um dos grandes tabus da atualidade.

A partir dessa breve apresentação é possível perceber quais são os principais termos que compõem o debate. Sabe-se que as evidências empíricas apresentadas por Ariès são extremamente complexas e foram sucessivamente reiteradas na obra de diversos autores. No entanto, a forma como estes elementos foram interpretados acabou reforçando a tese da dicotomização temporal entre religião e ciência –o que, por sua vez, favoreceu o crescimento da ideia de desritualização–. Creio ser útil demonstrar que havia neste trabalho de Ariès, e em diversos outros, as

muitos outros especialistas, buscou nas sociedades urbanas o mesmo tipo de material ritual que encontrara naquelas comunidades tradicionais. Ao perceber que esse tipo de rito diminuía sua abrangência, o caminho para a afirmação da sua inexistência é praticamente direto. Acredito que esse tipo de descompasso foi um dos grandes produtores da ideia de simplificação dos “rituais de morte”.

Para sedimentar ainda mais essa hipótese, examinarei trabalhos realizados no âmbito do positivismo e do protestantismo – apenas para dar poucos exemplos – que oferecem outros elementos capazes de comprovar a continuidade dos ritos a partir de formas diferenciadas.

O surgimento do positivismo evidencia mudanças nas representações e práticas dos “rituais de morte”. Afinal, o padrão positivista se tornou um dos grandes concorrentes do discurso católico dominante no período em questão. Na morte positivista, a ideia era valorizar as contribuições individuais do morto à sociedade criando um outro tipo de noção de imortalidade. Não uma imortalidade religiosa através da crença na sobrevida da alma e sim uma imortalidade baseada na ideia de “memória social”.

Entretanto, mesmo que esse deslocamento do plano religioso para o laico tenha criado um grande recorte nos rituais de enterro e luto, percebe-se o surgimento de outras expressões que podem ser caracterizadas como representativas dos “novos rituais de morte”. Se, os enlutados não viam mais a necessidade de preces e velas como auxiliares do morto no seu caminho após a morte e se não faria mais sentido confeccionar placas para os túmulos nas quais se pedisse a salvação eterna daquele que se foi, outras formas expressivas se desenvolveram. As lápides nas quais se valorizava a vida daquele que morreu e suas realizações em sociedade (Ariès, 1975; Freund, 1975); a criação das homenagens póstumas com a mudança dos nomes de ruas e praças e a disposição de placas em pontos centrais das cidades são exemplos dos diferentes ritos de luto positivistas.

O protestantismo foi utilizado em diversos textos como uma das maiores evidências da simplificação da morte contemporânea. Apesar de compartilhar com o catolicismo a cosmologia do cristianismo, essa nova religiosidade foi apresentada como evidência de atitudes distintas no que diz respeito à prática dos rituais. Pierre Chaunu (1978) explicou que a ruptura do protestantismo com a ideia de purgatório produziu intensas modificações nos rituais de luto. Na religião reformada, os vivos não teriam papel possível de intercessão pelos mortos. O julgamento do destino da alma levaria em consideração os atos praticados em vida. Sendo assim,

acender velas e fazer preces diante dos túmulos foram práticas banidas.

Numa evolução destas simplificações, a Inglaterra, país de influência protestante, apresentou aumento no número de cremações (Ariès, 1975). No entanto, mesmo com a diminuição do uso dos cemitérios tradicionais e com o desaparecimento rápido dos corpos –que agora passaram a serem cremados– novos rituais de morte e luto foram apresentados por esses mesmos autores. A retirada das cinzas do crematório para a sua transposição em jarros guardados em pequenos altares domésticos ou mesmo a cerimônia familiar de jogar esses resíduos em local escolhido pelo morto ou que ele admirasse são desdobramentos rituais da morte no âmbito do protestantismo britânico.

Até aqui creio ter deixado claro como se formou a concepção da desritualização da morte contemporânea e como os textos dos autores oferecem elementos capazes de produzir um outro modelo explicativo para este campo. Vejamos como acontece a transposição para um modelo mais contemporâneo.

A MORTE CONTEMPORÂNEA: TECNOLOGIA E IMORTALIDADE SOCIAL

Em estudos mais recentes –sobretudo a partir dos anos 1990 na França– é possível perceber várias transformações nas ideias relacionadas aos “rituais de morte”. De maneira geral, os especialistas passaram a atribuir às novas práticas o conceito de “ritualização”. Essa revisão conceitual trouxe novo fôlego às pesquisas. Contudo, neste universo de discussão, a mudança no entendimento da configuração dos rituais, não excluiu a continuidade do argumento de laicização da sociedade. Neste sentido, a criação do termo “novos rituais de morte contemporâneos” ilustrou tanto a necessidade de explicar comportamentos e ideias que circundavam a ocasião de um falecimento quanto a desvinculação da noção de morte e imortalidade do sistema simbólico religioso dominante.

Como já demonstrei na primeira parte deste artigo, os pesquisadores de meados do século passado analisaram a passagem pela doença e pela morte como marcada por uma profunda ruptura que se estabeleceu principalmente a partir da perda dos referenciais religiosos e familiares que até então eram reconhecidos como dominantes para a realização dos rituais de enterro e de luto. Em fins do século XX e início deste século, aconteceu uma mudança nesse perfil de argumentação dos cientistas

sociais. O foco maior dos autores, principalmente na Europa e nos Estados Unidos, se modificou. O uso do conceito de ritual se intensificou, embora sua abordagem tenha sido transformada. As novas análises reconheceram – e valorizaram como fonte de estudos – o crescimento das tendências mais individualizadas e privadas de luto. Ao mesmo tempo, as noções de morte e de imortalidade não foram mais predominantemente afirmadas a partir do aporte religioso da passagem ou da sobrevivência da alma – ou do duplo, como defendem alguns desses autores –. O recurso das novas tecnologias e do conceito de “memória social” foram ferramentas através das quais esses processos passaram a ser analisados.

Ao contrário do que acontecera anteriormente, houve um crescente estado de crítica ao jargão da desritualização generalizada da morte. Contudo, ao mesmo tempo, admitiram-se mudanças nas formas rituais. Por isso mesmo, buscaram-se outros entendimentos dessas práticas tendo em vista o reconhecimento da crescente laicização da sociedade. No mundo contemporâneo, o conteúdo religioso foi visto como esvaziado e os cerimoniais coletivos obrigatórios não se realizavam a partir dos mesmos referenciais (Segalen, 2002:61). Diante desse panorama, alguns autores chegaram a confirmar a desritualização social. Contudo, eles explicaram que ela não foi nem comunitária nem individual (Legros et Herbé, 2006). Na verdade, acreditava-se que a perda do lugar de predominância do religioso no rito não fora suficiente para diminuir a sua prática nem para fazê-lo desaparecer. Houve mudança na estrutura e nas ações que circundavam a sua realização. Nesse processo, o que continuava imprimindo obrigatoriedade ao ritual de morte não era mais aquela convenção social rígida existente no período anterior. Contudo, a velha necessidade de transformar o morto em morto e de colocá-lo em seu novo lugar persistiu, o que garantiu a permanência das ritualizações.

Com o objetivo de continuar analisando algumas tendências discursivas dos estudos baseados nos rituais de morte, darei alguns exemplos de como essas novas modalidades de ritualizações se evidenciaram nas pesquisas e quais os principais argumentos utilizados para explicá-las. Minha intenção é apresentar esses novos aportes como ferramentas para a exploração do tema através da utilização de um outro modelo teórico-metodológico. Para tanto, primeiro abordo algumas transformações sofridas na compreensão do que é a morte e quais as possibilidades explicativas da imortalidade. Esta primeira parte será importante, pois estas modificações afetaram diretamente a vivência dos rituais e sua caracterização. Meu objetivo será verificar as implicações dessas opções teóricas para a

perdidos nas consciências dos contemporâneos. Diante dessa constatação, a definição da vida como período de transição perdeu sua validade. Esses autores assinalaram a tendência de que entre nós, o abandono da esperança na sobrevivência futura da alma, seria cada vez maior.

Contudo, mesmo que os vivos e os mortos estejam separados pela fronteira reguladora médica e jurídica (Barraud et al., 1983:510) e mesmo que as interrogações a respeito da ocorrência de uma morte e as incertezas a respeito das possibilidades de sobrevivência da alma sejam predominantes, muitos autores afirmam que é impossível e infactível a “tese do abandono dos mortos” (Mohen, 1995; Baudry, 2006). O argumento para essa contestação é justamente aquele que propiciou sua criação – a impossibilidade individual de imaginar-se finito–. De forma surpreendente, num mundo onde –de acordo com esses mesmos estudiosos– a crença religiosa diminuiu e tendeu a desaparecer, foi através do cuidado dos mortos e da manutenção da sua memória que os sobreviventes se investiram de imortalidade (Baudry, 2006; Legros et Herbé, 2006).

Os pesquisadores verificaram a existência de um jogo obrigatório de continuidade da ideia de imortalidade. Neste caso, o que ocorreu foi o desdobramento e a convivência de diversas formas de observação do fenômeno. A construção da “imortalidade social” foi uma delas e esteve associada à criação e produção de mortos célebres e também à utilização de outros recursos –inclusive familiares– de eternização. Os cemitérios virtuais, as placas de ornamentação urbanas, as homenagens póstumas e os aniversários de morte passaram a ser momentos marcantes da celebração da imortalidade. Neste cenário, pode-se dizer que os ritos funerários se distanciaram da lógica dos rituais de passagem e focalizaram noções de tempo e espaço distintas àquelas anteriores. No novo modelo exaltam-se o momento e o local onde se viveu as realizações e contribuições que o finado deixou. As novas relações entre vivos e mortos passaram a se organizar no cotidiano e a envolver considerações e manipulações de objetos dos mortos (Baudry, 2006:11), utilização de recursos tecnológicos (Gamba, 2007), valorização das realizações do morto quando era vivo (Bussières, 2007) e modalidades de luto mais íntimo (Segalen, 2002).

Neste novo momento buscaram-se transformações e modernizações na “ritualidade dos mortos” (Baudry, 2006:42). Diante deste desafio, afirmou-se que os novos rituais de morte contemporâneos podem envolver sucessivas simplificações ou bricolagens múltiplas. Na verdade, seu triunfo está relacionado a sua natureza. Os autores estão apostando na ideia de que o que leva os indivíduos pós-modernos a realização das “ritualizações”

virtuais são espaços onde se podem fazer homenagens aos mortos. O tipo de ritual realizado nesses sítios da Internet é caracterizado pela necessidade simbólica de transformação da morte em imortalidade. Nesse sentido, é possível depositar flores virtualmente compradas, escrever textos, postar fotos. Os recursos estão disponíveis e as possibilidades de luto são diversas.

Enfim, as análises dos autores desse período se distanciaram da “pornografia da morte” embora ainda enfatizem a perda dos referenciais religiosos. Contudo, no cenário que se visualiza, os “novos ritos de morte contemporâneos” continuam a ser realizados embora os suportes e as formas utilizadas para engendrâ-los estejam profundamente transformadas.

CONCLUSÃO

Neste artigo bibliográfico argumentei que a fonte para a defesa teórica da desritualização da morte contemporânea na bibliografia francesa de meados do século XX localizou-se principalmente na teoria ritual utilizada para analisar os fenômenos sociais ligados à morte. No momento posterior da literatura francesa, com o reconhecimento da multiplicação dos referenciais simbólicos contemporâneos, o que se percebe é a utilização de outras ferramentas teóricas associadas aos novos rituais contemporâneos, que deem conta de analisar as diferentes realidades de ritualização mais cotidianas e ou informais.

Contudo, a influência da teoria clássica ainda é forte nos estudos sobre os ritos de morte no Brasil. Afinal, a ênfase na literatura das ciências humanas e sociais ainda está em estudos que se debrucem sobre universos religiosos nos quais há rituais formais e previstos institucionalmente. Os estudos sobre ritos e ritualizações mais individuais e informais da morte ainda caminham num ritmo muito lento. Acredito que a diferença numérica de estudos, se deva em parte, à persistência desse modelo teórico de desritualização que ganhou força primeiramente em solo francês e posteriormente entre os estudiosos da realidade brasileira.

Contudo, os estudos mais contemporâneos têm trilhado caminhos múltiplos e a partir deles é possível perceber diversas ritualizações da morte que levam em novos suportes, rituais individuais, comunidades alternativas, recursos tecnológicos. Enfim, um campo de estudos rico e aberto de possibilidades. Afinal, o desejo de ritualizar e de imortalizar os mortos, impõe a todos nós, saídas simbólicas a serem construídas e repensadas nos planos de vida das sociedades contemporâneas.

BIBLIOGRAFIA

Appiah, Kwane Anthony

1997. *Na casa de meu pai. A África na filosofia cultural*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Ariès, Philippe

1949. "Attitudes devant la vie et devant la mort du XVII au XIX siècle". En: *Revue trimestrielle de l'Institut National d'études démographiques*. Extrait de Population, N° 3 Jul/ Sept, pp. 25-42.

1975. *Essais sur l'histoire de la mort en Occident du moyen âge à nos jours*. Paris: Éditions du Seuil.

1977. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Barraud, Cécile; Coppet, Daniel de; Iteanu, André et Jamous, Raymond

1984. *Des relations et des morts. Quatre sociétés vues sous l'angle des échanges*. Erasmus: Editions de l'École des Hautes Etudes en Sciences Sociales.

Baudry, Patric

2006. *La place des morts. Enjeux et rites*. Paris: Armand Collin.

Bell, Catherine

1992. *Ritual Theory, Ritual Practice*. Oxford: Oxford University Press.

1997. *Ritual perspectives and dimensions*. Oxford: Oxford University Press.

Bussières, Luc

2007. "Rites funéraires et sciences humaines: synthèse et hypothèses". En: *Nouvelles perspectives en sciences sociales*, Vol. 3, N° 1, pp. 61-139.

Cavalcanti, Maria Laura Viveiros de Castro

2004. "Vida e morte no espiritismo kardecista". En: *Religião e sociedade*, Vol. 24, N° 2, pp. 1-24.

Chaunnu, Pierre

1978. *La morte à Paris. XVIe, XVIIe et XVIIIe siècle*. Paris: Fayard.

1984. "Sur le chemin de Philippe Ariès, historien de la mort". En: *Histoire, économie et société*, Vol. 3, N° 4, pp. 651-664.

Cruz, Robson Rogério

1995. *Carrego de egun. Contribuição aos estudos do rito mortuário no candomblé*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Douglas, Mary

1976. *Pureza e perigo*. São Paulo: Editora Perspectiva.

Durkheim, Emile

2000. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes.

Elias, Norbert

2001. *A Solidão dos Moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. Freund, Julien

1975. *Sociologia de Max Weber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Gamba, Fiorenza

2007. "Rituels postmodernes d'imortalité. Les cimitières virtuels comme technologie de la mémoire vivant". En: *Sociétés. Revue des sciences humaines et sociales*, Vol. 3, N° 97, pp. 109-123.

Gorer, Geoffrey

1965. *Death, grief and mourning in contemporary Britain*. London: The Cresset Press.

1955. "Pornography of death". *Encounter*, Issue N°16, October.

Laplantine, François

2000. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense.

Legros, Patrick et Herbé, Carine

2006. *La mort au quotidien. Contribution à une sociologie de l'imaginaire de la morte t du deuil*. Paris: Editions Érès.

Miller, Daniel and Parrot, Fiona

2009. "Loss and material culture in South London". En: *Journal of the Royal Anthropological Institute*, Vol. 15, N° 3, pp. 502-519. Sept.

Mohen, Jean-Pierre

1995. *Les rites de l'au-delà*. Paris: Editions Odile Jacob.

Reesink, Mísia Lins

2009. "Rogai por nós: a prece no catolicismo brasileiro à luz do pensamento maussiano". En: *Religião e Sociedade*, Vol. 29, N° 2, pp. 29-57.

Segalen, Martine

2002. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: Editora da FGV.

Thomas, Louis-Vincent

1980. "La mort et ses issues". En: *Archives des Sciences Sociales des religions*, Vol. 49, N° 2, pp. 179-200. Avril-juin.

1978. *Mort et pouvoir*. Paris: Petite bibliothèque payot.

1985. *Rites de mort. Pour la paix des vivants*. Paris: Fayard.

Soares, Mariza de Carvalho

1990. *O medo da vida e o medo da morte, um estudo da religiosidade brasileira*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Turner, Victor W.

1953. *Lunda rites and ceremonies. The occasional papel of the Rhodes- Livingstones Museum*. England, New Series, N° 10, pp. 335-388.

Van Gennep, Arnold

1977. *Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc.* Petrópolis: Vozes.

Vovelle, Michel

1983. *La mort et l'Occident de 1300 à nos jours*. Paris: Gallimard.

Vicente da Silva, Andreia

2011a. *Ritualizando o enterro e o luto evangélico: compartilhamento e incomunicabilidade na experiência da finitude humana*, Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

2011b. "Rituais interacionais: o enterro evangélico". En: *Intratextos*, Rio de Janeiro, N° 2, pp. 01-16.

Weber, Max

2004a. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras.

2004b. *Economia e sociedade. Fundamentos para uma sociologia compreensiva*. Volume I. Brasília: Editora Unb.